

## A criação poética na perspectiva de Paul Valéry

### *The creation poetic in the perspective of Paul Valéry*

OLGA NANCY PEÑA CORTÉS\*

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Porto Alegre – RS – Brasil

**Resumo:** Para tratar do tema da criação propomos apresentar a visão do poeta, ensaísta e escritor francês Paul Valéry. Formado na tradição clássica francesa do final do século XIX, influenciado pela poesia de Charles Baudelaire, Arthur Rimbaud, Paul Verlaine e, principalmente, Stéphane Mallarmé, Valéry desenvolveu um percurso intelectual peculiar e instigante. Tal percurso possui como marco a denominada *Nuit de Gênes* a partir da qual passa a se dedicar ao culto do espírito, registrando diariamente o movimento interior de seu próprio pensamento. Instigado por desvendar os meandros do processo criativo, Valéry parte do pressuposto de que não se cria a partir do nada. Ao contrário, a obra poética é a expressão final de um árduo trabalho empreendido pelo poeta. O interesse valeriano recai especialmente no ato de fazer o poema, salientando o processo em si mais do que a obra final.

**Palavras-chave:** Ato criativo; *Poiesis*; Construção.

**Abstract:** The vision of the poet, essayist and French writer Paul Valéry is proposed to address the issue of creation. Formed in the classic French tradition of the late nineteenth century, influenced by the poetry of Charles Baudelaire, Arthur Rimbaud, Paul Verlaine, and especially Stéphane Mallarmé, Valéry developed a unique and exciting intellectual journey. This route has a landmark called *Nuit de Gênes* from which the writer begins to devote to worship the spirit, recording daily the inner movement of his own thought. Instigated by unravelling the intricacies of the creative process, Valéry assumes that it does not create from nothing. On the contrary, the poetic work is the ultimate expression of a hard work undertaken by the poet. The valerian interest lies especially in the act of making the poem, emphasizing the process itself more than the final work.

**Keywords:** Creative act; *Poiesis*; Construction.

\* Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. <[olga.cortes@acad.pucrs.br](mailto:olga.cortes@acad.pucrs.br)>.



A criação é um ato próprio, original e único em que o escrever é expressão da ação. A criação enquanto ação é manifestação na qual se encontra o prévio e o planejado como seus elementos condutores. Criação é como uma gênese constante e, como manifestação ela é única, não há igual. O prévio e o planejado, portanto, não se confundem com a criação anterior e nem prediz a criação que virá. O inesperado aberto pela folha em branco diante da imaginação – inspiração – e do esforço – transpiração – impõe desafios à criação. A criação, quando escrita, é ação. Esta ação é única, não transmissível a outrem. Dessa forma, a junção entre criação e o ato como ato criativo é fundamento da escrita em que cada autor é ato criativo manifestado em formas singulares constituídas por meio de palavras, imagens ou, simplesmente, uma (ou várias) folha(s) em branco. O ato criativo de cada autor é a perpetuação do que constitui todo aquele que escreve, ou seja, são memórias deliberadas ou não que são deixadas como legado, cuja riqueza é única, incapaz de ser valorada. Assim, o ato criativo contempla o ser de cada autor e tudo aquilo que não se vê, mas que é possível sentir, pois ação é manifestação e sensação. Ao contemplar o único e próprio de cada autor, encontramos em Paul Valéry a representação de um autor múltiplo em que diversas expressões de arte inclusive a escrita são parte do legado deixado.

O vasto legado do referido poeta, escritor e ensaísta francês pode ser conferido nas publicações de poemas, ensaios, conferências, críticas e diálogos abordando diversas áreas de conhecimento como arte, literatura, filosofia, ciência e política. Às obras publicadas em vida, acrescentam-se os denominados *Cahiers*, um conjunto de cadernos, blocos e folhas avulsas contendo

fragmentos, esboços de poemas, desenhos, pensamentos, comentários, entre outros, cuja publicação póstuma nos coloca em contato com a intensa atividade intelectual *in vivo* e no segredo da intimidade. Espécie de anti-obra, a mesma diz respeito especificamente à produção diária começada nas primeiras horas matutinas desde o ano de 1894 até 1945, ano de seu falecimento.<sup>1</sup> A publicação póstuma desse material possibilitou-nos o contato com uma espécie de diário intelectual antibiográfico, uma vez que não se trata de registros a respeito de sua vida pessoal, mas se trata do registro de seu exercício intelectual. Em outras palavras, as milhares de páginas escritas em cadernos, blocos e folhas avulsas registram o exercício do pensamento demonstrado por meio das diversas reflexões, esboços de poemas, estrofes, frases soltas, desenhos, esquemas, fragmentos e comentários a respeito de diversos temas.

A extensa e intensa obra valeriana salienta a tese de que a criação poética ocorre por meio de um ato intelectual e, portanto, exige estudo, reflexão, disciplina e dedicação. Interessado pela arte e pela música, pela poesia e pela filosofia, pela matemática e pela física, pela arquitetura e pela política, ou seja, por todos os temas pertinentes à sua época, o tema da criação poética valeriana encontra-se relacionada ao contato com as diversas áreas de conhecimento. À luz de sua época, é a vida do espírito sob todos seus aspectos que se tornam fonte de apelo e inquietação. Assim, ao tratarmos do tema da criação poética buscamos trazer neste artigo a

<sup>1</sup> “Escritos num período de 50 anos, entre 1894 e 1945, diariamente, entre as 4 e 8 horas da manhã, constituem ao todo 261 cadernos de vários formatos”. In: CAMPOS, Augusto de. *Paul Valéry: a serpente e o pensar*. 2. ed. São Paulo: Ficções Editora, 2011. p. 59.

teoria elaborada por um dos pensadores mais instigantes e singulares do universo intelectual francês da primeira metade do século passado.

\*\*\*

Formado na tradição clássica francesa, nascido na cidade marítima de Sète, sul francês, Paul Valéry entra em contato nos primeiros anos da adolescência com as obras de Charles Baudelaire. É por meio do referido poeta que Valéry chega às obras de Edgar Allan Poe, causando-lhe uma grande impressão e admiração ao tratar a criação poética como o resultado de uma construção.<sup>2</sup> Envolto também no universo da poesia de Paul Verlaine e de Arthur Rimbaud, entre outros, depara-se com a obra de Stéphane Mallarmé, cujo contato promove uma forte transformação intelectual. Em suas palavras, *son oeuvre me fut dès le premier regard, et pour toujours un sujet de merveille*.<sup>3</sup> Constituído-se em um marco intelectual, esse contato transforma-se em uma espécie de divisor de águas no empreendimento de seu projeto intelectual. Ao impacto promovido pelo encontro com Mallarmé acrescenta-se a vivência de uma crise existencial ocorrida na juventude, a qual conduz o pensador à virada intelectual em direção ao seu próprio projeto intelectual.

Tal vivência possui como ápice a madrugada de 5 de outubro de 1892,

por ocasião de sua estadia na cidade de Gênova, Itália. Para marcar esse momento, Valéry passa a denominá-la como *Nuit de Gênes* (Noite de Gênova), convertendo-se na noite da revelação e da renovação, porém não de caráter místico, mas de caráter existencial. Ao narrar a tormenta que se abatera naquela noite sobre Gênova, Valéry passa a entrelaçá-la com a sua própria tormenta emocional, cujo resultado é a conversão para a vida do intelecto. Entre luz e sombras, essa noite representa para o pensador o momento da virada que realiza em seu percurso, a partir do qual busca controlar as inquietudes do espírito advindas da vida boêmia e superficial dos ambientes que frequentava como também dos ídolos que nutria sejam aqueles do amor, dos poetas, dos escritores ou dos filósofos. A esse respeito coloca: *Il s'agissait d'immoler toutes mes premières idées ou idoles, et de rompre avec un moi qui ne savait pas pouvoir ce qu'il voulait, ni vouloir ce qu'il pouvait*.<sup>4</sup>

A relevância dessa conversão no percurso valeriano diz respeito à mudança de postura em relação à sua criação literária, cujo processo passa a lhe interessar enquanto domínio pertencente a um espírito que visa a obra pura, ou seja, a produção do estado puro da poesia.<sup>5</sup> No fundo é a tensão entre a emoção e a razão que se encontra entretecida nessa ruptura, cuja escolha pela via do intelecto e da inteligência responde não somente à crise apontada, mas também ao clamor de seu tempo. Nesse período, as discussões no

<sup>2</sup> Em *The Philosophy of Composition* (1846), Poe ressalta a tendência que o poeta tem de não revelar a estrutura que se encontra por trás da produção de um poema, deixando o leitor iludido de que a poesia é resultado de uma inspiração e/ou de um dom divino. In: POE, Edgar Allan. *The Philosophy of Composition*. *Graham's Magazine*, v. 28, n. 4, p. 163-167, Apr. 1846. Disponível em: <<http://www.eapoe.org/works/essays/philcomp.htm>>. Acesso em: 30 jul. 2016.

<sup>3</sup> VALÉRY, P. *Lettre sur Mallarmé*. Disponível em: <[http://agora.qc.ca/documents/stephane\\_mallarme--lettre\\_sur\\_mallarme\\_par\\_paul\\_valery](http://agora.qc.ca/documents/stephane_mallarme--lettre_sur_mallarme_par_paul_valery)>. Acesso em: 15 jun 2016.

<sup>4</sup> DURAND, A. *Paul Valéry (France) (1871-1945)*. Disponível em: <<http://www.comptoirilletteraire.com/v.html>>. Acesso em: 31 maio 2016. p. 5.

<sup>5</sup> VALÉRY, Paul. Situação de Baudelaire (1924). In: \_\_\_\_\_. *Variedades*. Organização de João Alexandre Barbosa. Tradução de Maiza Martins de Siqueira e João Alexandre Barbosa. Posfácio de Aguinaldo Gonçalves. 3.ed. São Paulo: Iluminuras, 2007. p. 28-29.

cenário intelectual estavam centradas na efervescência do conhecimento científico, nas discussões promovidas a respeito da objetividade e da subjetividade, no conflito entre as vias de conhecimento da matéria e do espírito. Partícipe desse cenário, Valéry entende que o único ídolo merecedor de atenção e reverência é o intelecto: *la passion de l'intellect veut tout comprendre, tout reconstruire*.<sup>6</sup> Com isso, dedica-se à vida do espírito e ao conhecimento de si mesmo como um caminho de conhecimento do mundo e do homem empreendendo uma espécie de pesquisa dos entremeios, espaços e labirintos que compõem a inquietante relação corpo, espírito e mundo.

A publicação de sua produção poética<sup>7</sup> é interrompida por aproximadamente vinte anos. A partir da *Nuit de Gênes*, dedica-se ao culto do espírito por meio da ascese e do rigor do exercício diário. Tal exercício estava motivado pelo processo em si, pela auto-observação do movimento interior de seu próprio pensamento assumido como objeto de sua atenção e reflexão. Deste período resulta a publicação de duas de suas grandes obras: *Introdução ao método de Leonardo da Vinci* (1895) e *Monsieur Teste* (1896), as quais são apontadas por Barbosa como sendo a demonstração do interesse valeriano em tecer a relação entre ciência e arte “[...] ou mais especificamente entre as artes verbais e as ciências da exatidão, como a matemática e a física”<sup>8</sup> As duas

obras correspondem à implementação de um método, cujo objetivo visava trazer para a consciência a rede emaranhada de sensações, sentimentos e afetos por meio do trabalho intelectual. A inquietação valeriana é desvelar os mistérios do ato criador, o qual é visto como um ato da consciência inteligente e sensível que não se contenta em não pensar seu próprio mistério.

Compreendendo o ato criador como resultado de um processo de construção surgido a partir da escuta de uma espécie de espanto que acomete o poeta, Valéry salienta que tal escuta só se transforma em poesia por meio “[...] de uma relação entre um certo ‘espírito’ e a Linguagem”.<sup>9</sup> A linguagem pode ser considerada como a estrada imposta e pré-existente na qual o poeta transita e por meio da qual expressa o universo poético no qual as emoções encontram-se disponíveis para sua expressão. Obstáculo do poeta, as palavras precisam do trabalho cirúrgico do pensamento para captar o espanto da vida e escolher a palavra mais adequada para responder ao apelo do espírito.<sup>10</sup> A vibração do mundo presente no espanto assimilado pelo poeta coloca-o em um estado ou emoção poética, a qual se diferencia das emoções comuns a todos os seres humanos. Assim, ao tratar do ato da criação, o autor salienta a compreensão da poesia como uma arte que restitui a emoção poética fora das condições naturais e sob o artifício da linguagem. Contudo,

<sup>6</sup> VALÉRY, P. *Fac-simile du Cahier*, n. 83, p. 6-43, 1917-1918. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b60001839>>. Acesso em: 18 jun. 2016.

<sup>7</sup> A ausência de publicação durante esse período não é ausência de produção poética conforme será visto postumamente com a publicação de *Poésie perdue* (2000), a qual reúne um conjunto de poemas escritos durante essa época.

<sup>8</sup> BARBOSA, João Alexandre. Permanência e continuidade de Paul Valéry. In: VALÉRY, Paul. *Variedades*. Organização de João Alexandre Barbosa. Tradução de Maiza Martins de Siqueira e João Alexandre Barbosa. Posfácio de Aguinaldo Gonçalves. 3.ed. São Paulo: Iluminuras, 2007. p. 14.

<sup>9</sup> VALÉRY, Paul. *Acerca do Cemitério Marinho* (1933). In: \_\_\_\_\_. *Variedades*. Organização de João Alexandre Barbosa. Tradução de Maiza Martins de Siqueira e João Alexandre Barbosa. Posfácio de Aguinaldo Gonçalves. 3.ed. São Paulo: Iluminuras, 2007. p. 166.

<sup>10</sup> VALÉRY, Paul. *Poesia e pensamento abstrato*. In: \_\_\_\_\_. *Variedades*. Organização de João Alexandre Barbosa. Tradução de Maiza Martins de Siqueira e João Alexandre Barbosa. Posfácio de Aguinaldo Gonçalves. 3.ed. São Paulo: Iluminuras, 2007. p. 194-196.

a sensibilidade somente adquire sentido poético no momento em que se assimila esse universo de emoções captadas por meio de uma tendência para perceber o não visível e o não imediato do mundo.

He querido decir que el estado o emoción poética me parece que consiste en una percepción naciente, en una tendencia a percibir un mundo, o sistema completo de relaciones, en el cual los seres, las cosas, los acontecimientos y los actos, si bien se parecen, todos a todos, a aquellos que pueblan y componen el mundo sensible, el mundo inmediato del que son tomados, están, por otra parte, en una relación indefinible, pero maravillosamente justa, con los modos y las leyes de nuestra sensibilidad general.<sup>11</sup>

Tal tendência, no entanto, só adquire voz e corpo pela vontade do poeta. O querer é a chave mestra que abre o caminho para que o ato criativo se transforme em obra realizada. A obra transposta no papel depende da ação do poeta em prol de sua realização, a qual é a expressão da relação entre pensamento e linguagem, entre o trabalho árduo na superação dos obstáculos do espírito e a superação das agruras da linguagem. Sem essa atitude, o verso não aparece, a poesia não se realiza. Assim, vontade e ação possibilitam ao pensamento e à linguagem a concretização da emoção poética.

Mas o que é o que eu quero? [...] é preciso querer o que se deve querer, para que o pensamento, a linguagem e suas convenções, que foram tomadas emprestadas à vida exterior, o ritmo e as entonações da voz, que são diretamente

coisas do ser, concordem, e que esse acordo exige sacrifícios recíprocos, sendo o mais notável aquele que o pensamento deve fazer.<sup>12</sup>

A poesia sob a ótica valeriana é um fazer criativo, uma *poiesis*. O termo grego *poiesis* aparece na obra aristotélica junto com a definição de *tekné*, cujo significado é saber fazer algo. *Poiesis* significa a realização de algo, criar alguma coisa, ação de produzir um objeto artístico, artesanal ou técnico a partir da aplicação do conhecimento prévio que nos oferta o saber como se faz, ou seja, a partir da aplicação da *tekné* correspondente. A *poiesis* aristotélica possui como fim a produção de algo que vai permanecer e intervir na realidade a partir da ação do homem.<sup>13</sup> A breve digressão a respeito da *poiesis* aristotélica visa a compreensão do que Valéry busca com o resgate do termo grego seu sentido mais simples: o fazer (*poïen*). No entanto, o interesse valeriano ao recair sobre o sentido do fazer cumpre com a intenção de destacar que é a ação de fazer o poema que seduz o poeta.

É o trajeto que o conduz à realização que se torna envolvente, o movimento em direção à, o processo enquanto está ocorrendo, já que “é a execução do poema que é o poema. Fora dela, essas sequências de palavras curiosamente reunidas são fabricações inexplicáveis”.<sup>14</sup> O que lhe interessa não é tanto o resultado

<sup>11</sup> VALÉRY, Paul. Palabras sobre la poesía (1927). In: \_\_\_\_\_. *Teoría poética y estética*. Traducción de Carmen Santos. Madrid: Visor, 1990. p. 137.

<sup>12</sup> VALÉRY, Paul. Primeira Aula do Curso de Poética. In: \_\_\_\_\_. *Varietade*. Organização de João Alexandre Barbosa. Tradução de Maiza Martins de Siqueira e João Alexandre Barbosa. Posfácio de Aguinaldo Gonçalves. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 2007. p.190.

<sup>13</sup> MORA, José Ferrater. *Diccionario de Filosofía*. Tomo III (K-P). Barcelona: Editorial Ariel, 2009. p. 2824-2825.

<sup>14</sup> VALÉRY, Paul. Primeira Aula do Curso de Poética. In: \_\_\_\_\_. *Varietades*. Organização de João Alexandre Barbosa. Tradução de Maiza Martins de Siqueira e João Alexandre Barbosa. Posfácio de Aguinaldo Gonçalves. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 2007. p. 185.

final, mas o processo criativo enquanto ele está acontecendo. Visto como um ato intelectual, a vontade e a intencionalidade se voltam para o processo em busca da melhor forma de dar voz ao espírito. Em suas palavras, “as obras do espírito, poemas ou outras, relacionam-se apenas ao que faz nascer o que as fez nascer elas mesmas, e absolutamente nada mais”.<sup>15</sup>

O interesse pelo ato em si no percurso valeriano compreende-se pela percepção que tem a respeito da criação poética, considerando-a como um ato provocado pela tentativa de desvelar o espírito por meio do domínio da linguagem. Tal domínio é realizado por meio do rigor e da disciplina, cuja trajetória abre possibilidades para o poeta e para o poema. No entanto, o domínio da linguagem deve ser entendido como sendo o trabalho de destruir o aspecto prático da linguagem para que dela possa surgir a linguagem poética.<sup>16</sup> Em outras palavras, para que o poeta possa restaurar à linguagem suas virtudes estéticas, fornecendo novas possibilidades de sons e sentidos, relações sintáticas diferentes, novas possibilidades linguísticas.

Je cherche un mot (dit le poete) um  
mot qui soit:  
féminin.  
de deux syllabes,  
contenant P ou F,  
terminé par une muette,  
et synonyme de brisure, désagrégation;  
et pas savant, pas rare.  
Six conditions au mois.<sup>17</sup>

Em sendo assim, o poema convoca o poeta ao trabalho operacional sobre a linguagem como forma de permitir a construção de uma obra a partir do universo poético. De acordo com o pensador, “um poema é um discurso que exige e provoca uma ligação contínua entre a voz que existe e a voz que vem e que deve vir.”<sup>18</sup> Sem essa tripla ligação – a voz que existe, a voz que vem e a voz que virá – o poema não existiria enquanto tal, pois não passaria de uma aglomeração de sinais ligados arbitrariamente. Portanto, o fazer poético implica em abertura do poeta a esse universo, cujo apelo pode vir de várias formas como um ritmo, um tema, uma imagem, um discurso, um grupo de palavras. O poema em semente pode estar em qualquer situação, mas seu desabrochar depende da atitude do poeta para tal, da percepção da brecha que se encontra “Entre a Voz e o Pensamento, entre o Pensamento e a Voz, entre a Presença e a Ausência oscila o pêndulo poético”.<sup>19</sup>

A imagem do pêndulo por meio de seu movimento aponta dois aspectos da criação poética. A tentativa de apropriar-se do poema presente na vibração do movimento que vai de um lado a outro é captado pelo espírito por meio do fazer poético compreendido como um labor trabalhoso, exigente, paciente, composto de idas e vindas, de espantos, encantos e frustrações, cujo resultado surpreende o próprio poeta. No entanto, é o segundo aspecto que se torna mais interessante, pois terminado

<sup>15</sup> VALÉRY, Paul. Primeira Aula do Curso de Poética. In: \_\_\_\_\_. *Variedades*. Organização de João Alexandre Barbosa. Tradução de Maiza Martins de Siqueira e João Alexandre Barbosa. Posfácio de Aguinaldo Gonçalves. 3.ed. São Paulo: Iluminuras, 2007. p. 186.

<sup>16</sup> VALÉRY, Paul. La invención estética (1938). In: \_\_\_\_\_. *Teoría poética y estética*. Traducción de Carmen Santos. Madrid: Visor, 1990. p. 203-207.

<sup>17</sup> VALÉRY, Paul. *Tel Quel: Rhumbs, Autres Rhumbs, Analecte et Suite*. Paris: Gallimard, 1943. p. 153-154.

<sup>18</sup> VALÉRY, Paul. Primeira Aula do Curso de Poética. In: \_\_\_\_\_. *Variedades*. Organização de João Alexandre Barbosa. Tradução de Maiza Martins de Siqueira e João Alexandre Barbosa. Posfácio de Aguinaldo Gonçalves. 3.ed. São Paulo: Iluminuras, 2007.p. 185.

<sup>19</sup> VALÉRY, Paul. Poesia e pensamento abstrato. In: \_\_\_\_\_. *Variedades*. Organização de João Alexandre Barbosa. Tradução de Maiza Martins de Siqueira e João Alexandre Barbosa. Posfácio de Aguinaldo Gonçalves. 3.ed. São Paulo: Iluminuras, 2007. p. 206.

o poema, o poeta encontra-se na mesma situação anterior à sua produção. Cessada a vibração do entre presente na ida e vinda do pêndulo, o poeta depara-se com o apelo de recomeçar, de criar em cada criação o universo que o conduziu ao poema anterior. É instigado, portanto, a iniciar uma nova trajetória, é impelido a entrar no vaivém do pêndulo novamente para captar sua vibração. Pode-se compreender com o pensador que a motivação de um novo poema muitas vezes nasce dessa provocação, a qual o poeta é livre para aceitar ou negar.

Disto decorre a aversão à proposta de que a criação advém da inspiração. A inspiração enquanto resultado de um sopro divino ou de uma espécie de loucura momentânea, na qual o poeta apenas seria o meio de expressão, é rejeitada. Em seu entender, o poeta não pode ser transformado em uma espécie de médium ou de marionete, pois a obra finalizada apenas representa a ponta do iceberg de um processo relacional entre o interior e o exterior. Portanto, a inspiração para Valéry constitui-se em um estado específico, em uma espécie de “energia espiritual de natureza especial: ela se manifesta nele revelando-o a si mesmo em certos minutos de preço infinito. Infinito para ele...”.<sup>20</sup> Infinito para o poeta que ao ser tocado por essa energia tanto pode dar-lhe atenção como deixá-la ir. A inspiração como energia é algo do instante, o instante em que o poeta está atento ou não ou mesmo disponível a enveredar no processo de produção. Nem só divino e nem só humano, o ato criador alicerçado

na energia do instante captura o poeta que encontra nesse instante a possibilidade de dar voz ao seu enredo interior.

Para a tomada de decisão que inaugura o ato da criação, Valéry refere-se à abertura para enfrentar o caos, cujo discernimento permite-lhe retirar do mesmo o que ele pode fornecer de conhecimento. Entre idas e vindas, o espírito que engana e se deixa enganar muitas vezes deixa passar esse instante. Com isso, Valéry alerta que não é nem todo momento, nem toda emoção, todo afeto ou toda experiência que vai ser transformada em poesia. Tal alerta busca acentuar que o poeta é aquele que em dado momento capta essa energia e enfrenta o caos para arquitetar, elaborar e dar-lhe inteligibilidade. Distó decorre que a criação valeriana é uma construção, na qual a matéria poética não está pronta no universo e não surge do nada. Gonçalves reforça tal compreensão ao salientar as diversas ocasiões em que se expressa a aversão “ao espontaneísmo expressivo, mas soube reconhecer, com aprimorada argúcia, o trabalho de artistas que se mantiveram no rigor da construção”.<sup>21</sup> Construção, portanto, pode ser considerada uma chave de leitura relevante na criação poética valeriana, como podemos perceber na voz do poeta.

Quanto ao Cemitério Marinho, essa intenção primeiramente foi apenas uma imagem rítmica vazia, ou cheia de sílabas inúteis, que veio me obcecar por algum tempo. Notei que essa imagem era decassílabo e refleti um pouco sobre esse tão pouco empregado na poesia moderna; parecia-me pobre

<sup>20</sup> VALÉRY, Paul. Poesia e pensamento abstrato. In: \_\_\_\_\_. **Variedades**. Organização de João Alexandre Barbosa. Tradução de Maiza Martins de Siqueira e João Alexandre Barbosa. Posfácio de Aguinaldo Gonçalves. 3.ed. São Paulo: Iluminuras, 2007. p. 207.

<sup>21</sup> GONÇALVES, Aguinaldo. Paul Valéry: o alquimista do espírito. In: VALÉRY, Paul. **Variedades**. Organização de João Alexandre Barbosa. Tradução de Maiza Martins de Siqueira e João Alexandre Barbosa. Posfácio de Aguinaldo Gonçalves. 3.ed. São Paulo: Iluminuras, 2007. p. 213.

e monótono [...] Era preciso que meu verso fosse denso e muito ritmado. Eu sabia que estava me dirigindo para o monólogo mais pessoal e mais universal que poderia construir. O tipo de verso escolhido, a forma adotada para as estrofes davam-me condições que favoreciam certos ‘movimentos’, permitiam certas mudanças de tom, solicitavam um certo estilo... O Cemitério Marinho estava concebido. Um trabalho bastante longo veio a seguir.<sup>22</sup>

Convém ressaltar que a poesia valeriana cumpre com a busca que o instigou: o conhecimento do mundo a partir da disciplina e do rigoroso exercício de seu pensamento nas solitárias horas matutinas. Dedicou-se diariamente à pesquisa de si mesmo voltado às reflexões dos temas do mundo de sua época que o inquietavam, que o tocavam. Pode-se dizer que na dobradura do espírito encontra a voz do universo poético. Longe de se afastar das experiências sociais, sensuais e cotidianas, a solidão é vista como o momento do encontro e reencontro consigo mesmo em busca de fornecer ordem às inquietudes, numa tentativa de buscar a consciência das operações do pensamento. Nesse sentido, compreende-se quando coloca que “um poema deve ser uma festa do Intelecto. Não pode ser outra coisa. Festa: é um jogo, mas solene, regrado, significativo; imagem do que não é comum. Estado em que os esforços são ritmos, redimidos”.<sup>23</sup> Assim, nos deparamos com uma produção poética,

cuja fonte encontra-se entre o exercício diário do intelecto e as experiências vividas do cotidiano. Na brecha instaurada com a vibração do pêndulo, o poeta busca as referências adquiridas para a construção de sua obra. Para tal empreendimento, Valéry se mantém atento às áreas de conhecimento de sua época, das quais adota linguagens e estruturas para compor seus poemas sem abandonar os clássicos.

Ao trabalho solitário do ato da criação se junta outra perspectiva. Com isso, podemos colocar que a criação poética valeriana encerra dupla perspectiva: a do conhecimento de si entretido nos versos arduamente trabalhados e o contato com o outro na perspectiva do leitor. O leitor se constitui no horizonte que atrai a energia criativa – a inspiração/o instante – é com ele e para ele que o poeta assume a fabricação do poema.

Pero es para el lector a quien corresponde y a quien está destinada la inspiración, lo mismo que corresponde al poeta hacer pensar, hacer creer, hacer lo necesario para que solamente podamos atribuir a los dioses una obra demasiado perfecta o demasiado conmovedora para salir de las inseguras manos de un hombre.<sup>24</sup>

Com tal perspectiva, a criação poética sob a lente valeriana considera a obra não como algo definitivamente terminado, mas como algo em permanente construção. Saindo das mãos do poeta e entregue às mãos dos leitores, os poemas finalizados pelo poeta se abrem para um futuro aleatório e imprevisível. Lançado ao mundo, o poema e seus sentidos pertencem a esses outros tantos que o

<sup>22</sup> VALÉRY, Paul. Acerca do Cemitério Marinho. In: \_\_\_\_\_. *Varietades*. Organização de João Alexandre Barbosa. Tradução de Maiza Martins de Siqueira e João Alexandre Barbosa. Posfácio de Aguinaldo Gonçalves. 3.ed. São Paulo: Iluminuras, 2007. p. 165.

<sup>23</sup> VALÉRY, Paul. *Littérature*, 1929. In: \_\_\_\_\_. *O cemitério marinho*. Tradução e prefácio Jorge Wanderley. Posfácio João Alexandre Barbosa. Ilustrações de Carlos Clémen. São Paulo: Fontana, 1984. p. 11.

<sup>24</sup> VALÉRY, Paul. Palabras sobre la poesía (1927). In: \_\_\_\_\_. *Teoría poética y estética*. Traducción de Carmen Santos. Madrid: Visor, 1990. p. 156.

compõe: os leitores. Concebendo a obra poética com uma obra inacabada, cujo fim é na realidade múltiplos fins surgidos a cada leitura realizada, a grandeza da obra poética se encontra nessa diversidade de possíveis interfaces e interpretações. Essa condição constitui “a própria marca do espírito. [...] Ela corresponde à pluralidade dos caminhos oferecidos ao autor durante o trabalho de produção”.<sup>25</sup> Portanto, a obra é considerada uma arquitetura aberta para todos aqueles que a tomam para si e que lhe darão o significado e o sentido que emerge do encontro com a mesma. Valéry defende que “não há sentido verdadeiro de um texto. Não há autoridade de autor. [...] Uma vez publicado, um texto é como uma máquina que qualquer um pode usar à vontade e de acordo com seus meios”.<sup>26</sup> Tal proposta inclui o trabalho e retrabalho realizado pelo poeta com sua obra que diante da folha em branco deseja mostrar a sua melhor performance, da forma mais ordenada e acabada possível.

Talvez achem minha concepção do poeta e do poema muito singular? Mas tentem imaginar o que supõe o menor de nossos atos. Imaginem tudo o que deve se passar no homem que emite uma pequena frase inteligível e avaliem tudo o que é preciso para que um poema de Keats ou de Baudelaire venha a se formar sobre uma página vazia, diante do poeta.<sup>27</sup>

Em suma, o ato criativo como ato intelectual, cerne da criação poética, é ressaltado por Valéry como o diferencial necessário na construção do poema. O ato intelectual promove a ação e a deliberação, o projeto construído e o deixar-se conduzir pelo som, pelo sentido, pelo emaranhado organizado do todo que compõe uma obra poética. Entre o inteligível e o sensível, o intelecto busca a conexão de ambos na busca de uma linguagem elaborada, retirada de sua mesmice cotidiana. O prazer, a fruição do poeta na visão valeriana encontra-se nesse processo, na luta entre o espírito, o corpo e o mundo, cujo resultado é a obra poética. O imprevisível, o imponderável, as surpresas e o inesperado do processo criativo são incorporados pelo poeta na forma de trabalho e retrabalho, das várias idas e vindas que a ação se empenha em superar por meio do ato o próprio espírito.

\*\*\*

Restam algumas palavras finais. A concepção da criação poética apresentada pelo autor, por outro lado, ao nos retirar do mundo romântico da inspiração nos coloca na dureza do cotidiano por meio do qual a voz do poeta se ergue. Rigor, disciplina e superação são palavras chaves para compreender sua proposta. Não se trata de negar as emoções, mas Valéry desde *Nuit de Gênes* assume para si uma espécie de autoanálise diária como um meio de chegar a duplo fim: seu autoconhecimento e a obra poética. Com isso, compreende-se a poética valeriana como sendo um fazer, um obrar e não simplesmente um contemplar. Aliás, suas poesias demonstram isso. Longe de serem poesias de fácil compreensão e acolhimento, as mesmas exigem dedicação, paciência e pesquisa ao mesmo tempo em que exigem o deixar

<sup>25</sup> VALÉRY, Paul. Primeira Aula do Curso de Poética. In: \_\_\_\_\_. *Varietades*. Organização de João Alexandre Barbosa. Tradução de Maíza Martins de Siqueira e João Alexandre Barbosa. Posfácio de Aguinaldo Gonçalves. 3.ed. São Paulo: Iluminuras, 2007. p. 186.

<sup>26</sup> VALÉRY, Paul. Acerca do Cemitério Marinho. In: \_\_\_\_\_. *Varietades*. Organização de João Alexandre Barbosa. Tradução de Maíza Martins de Siqueira e João Alexandre Barbosa. Posfácio de Aguinaldo Gonçalves. 3.ed. São Paulo: Iluminuras, 2007. p. 168.

<sup>27</sup> VALÉRY, Paul. Poesia e pensamento abstrato. In: \_\_\_\_\_. *Varietades*. Organização de João Alexandre Barbosa. Tradução de Maíza Martins de Siqueira e João Alexandre Barbosa. Posfácio de Aguinaldo Gonçalves. 3.ed. São Paulo: Iluminuras, 2007. p. 210.

fluir da associação livre, o deixar surgir a voz do espírito. O mesmo ocorre com os textos, as conferências, os cursos e todas as anotações que deixou registradas.

Paul Valéry foi um pensador rico e complexo, sua vasta obra é demonstração da intensa dedicação que teve não somente em pensar a criação poética, mas igualmente em pensar os acontecimentos de seu tempo. No cenário francês ocupa um lugar de destaque, sendo relevante para o estruturalismo, o formalismo, entre outras escolas do pensamento. Embora sua característica inclassificável seja um obstáculo a um universo habituado às classificações. Em sua obra pode-se encontrar discussões políticas, filosóficas, literárias poéticas, musicais, possibilitando-lhe o caráter de crítico, autor e teórico. A publicação da obra completa permite-nos considerá-lo como sendo um instigante desafio a ser enfrentado com a mesma energia, disciplina e rigor com o qual desenvolveu sua obra. Tal consideração busca ressaltar que o recorte realizado para o presente artigo representa somente a abertura de um caminho que reserva muitas surpresas, as quais visam a se tornar um convite à introspecção e ao exercício do pensar.

## Referências

CAMPOS, Augusto de. *Paul Valéry: a serpente e o pensar*. 2.ed. São Paulo: Ficções, 2011. 118p.

DURAND, André. *Paul Valéry (France) (1871-1945)*. Comptoir littéraire. Disponível em: <<http://www.comptoir litteraire.com/v.html>>. Acesso em: 31 maio 2016.

MORA, José Ferrater. *Diccionario de Filosofía*. Tomo III (K-P). Barcelona: Editorial Ariel, 2009. p. 2824-2825.

POE, Edgar Allan. *The Philosophy of Composition*. *Graham's Magazine*, v. 28, n. 4, p. 163-167, Apr. 1846. Disponível em: <<http://www.eapoe.org/works/essays/philcomp.htm>>. Acesso em: 30 jul. 2016.

VALÉRY, Paul. *Lettre sur Mallarmé*. Encyclopédie de L'Agora, Canadá. Disponível em: <[http://agora.qc.ca/documents/stephane\\_mallarme--lettre\\_sur\\_mallarme\\_par\\_paul\\_valery](http://agora.qc.ca/documents/stephane_mallarme--lettre_sur_mallarme_par_paul_valery)>. Acesso em: 15 jun. 2016.

\_\_\_\_\_. *Fac-simile du Cahier*, n. 83, p. 6/43, 1917-1918. Bibliothèque nationale de France – Gallica, Paris. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b60001839>>. Acesso em: 18 jun. 2016.

\_\_\_\_\_. *Tel Quel: Rhumbs, Autres Rhumbs, Analecte et Suite*. Paris: Gallimard, 1943. 496p.

\_\_\_\_\_. *Variedades*. Organização de João Alexandre Barbosa. Tradução de Maiza Martins de Siqueira e João Alexandre Barbosa. Posfácio de Aguinaldo Gonçalves. 3.ed. São Paulo: Iluminuras, 2007. 220p.

\_\_\_\_\_. *Teoría poética y estética*. Traducción de Carmen Santos. Madrid: Visor, 1990. p. 137. 207p.

\_\_\_\_\_. *Littérature, 1929*. In: \_\_\_\_\_. *O cemitério marinho*. Tradução e prefácio Jorge Wanderley. Posfácio João Alexandre Barbosa. Ilustrações de Carlos Clémen. São Paulo: Max Limonad, 1984. 69p.

Recebido: 30 de agosto de 2016.

Aceite: 23 de setembro de 2016.